

Internacional

Impacto Mais de 500 milhões de pessoas podem ser levados à pobreza Pandemia e crise devem elevar desigualdade global

IMPACTOS DO CORONAVÍRUS

Marsílea Combata
De São Paulo

Com o coronavírus caminhando para áreas pobres, como alertou recentemente a Organização Mundial da Saúde (OMS), o pior da pandemia ainda pode estar por vir. Países pobres, que são geralmente desiguais, devem ser os mais atingidos porque neles o choque é duplo: além do acesso à saúde ser precário, uma parcela importante da população tem empregos informais e deixa de ter renda durante a quarentena. Especialistas alertam que, sem políticas de transferência direta de recursos para a população, a crise deixará um mundo ainda mais desigual, com mais 500 milhões de pobres, sendo quase 30 milhões na América Latina.

Dados da OMS e do Banco Mundial indicam que metade da população mundial não tem cobertura de saúde, e ao menos 100 milhões vivem em condições de pobreza extrema porque têm de pagar por esse serviço. Países da África e do sul da Ásia são os com cobertura mais precária, seguidos por Leste Europeu e América Latina. Aqueles com sistema de saúde amplo, como o Brasil, são exceções.

Esses países são também os que possuem maior parcela de trabalhadores informais em seus mercados de trabalho. Segundo a Or-

ganização Internacional do Trabalho (OIT), o emprego informal perfaz mais de 90% do total em países africanos, entre 75% e 89% no caso de países do sul da Ásia, como a Índia, e entre 50% e 74% nos da América Latina. Em relatório recente, a OIT alertou que mais de 2 bilhões de trabalhadores informais atuam em setores com alto risco de contaminação, que são diretamente afetados por medidas restritivas, como vendedores ambulantes e trabalhadores domésticos.

"A razão pela qual espero que países desiguais sejam mais afetados pela crise não é a desigualdade em si, mas a coincidente capacidade de mais fraca do Estado, serviços de seguridade social piores e uma alta parcela de trabalhadores em empregos precários ou informais", diz Ignacio Flores, economista do Instituto Europeu de Administração de Empresas (Insead) e coordenador do World Inequality Database (WID) — projeto que tem como um dos criadores o economista francês Thomas Piketty.

Estão no topo do ranking de desigualdade do WID República Centro-Africana, Brasil, Chile, Rússia e EUA, país com mais casos de coronavírus no mundo, onde 40 milhões vivem na pobreza e 30 milhões não têm seguro saúde.

"O coronavírus atinge igualmente ricos e pobres, mas condições pré-existent de desigualdade fazem com que o impacto seja totalmente distinto", diz José María Vera, diretor executivo da ONG Oxfam International. "Uma coisa é

vocês ter rede de segurança, seja social ou familiar. Outra é comer e viver com o que recebe no dia."

Num cenário base, no qual a pandemia não deve se alongar por muitos meses, a estimativa da Oxfam é que a crise econômica empurrará 500 milhões para a pobreza no mundo. As cifras aparecem em relatório recente do Instituto Mundial da Universidade das Nações Unidas para a Economia do Desenvolvimento, divulgado no início do mês.

"Isso significa recuar uma década na luta contra a pobreza nos países ricos e até três décadas nos mais pobres", diz Vera. "Se as políticas econômicas não mudarem radicalmente, teremos um mundo muito mais desigual que antes."

Só na América Latina, a crise ameaça jogar cerca de 30 milhões na pobreza, segundo estimativa da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal), da ONU. A taxa de pobreza na região deve subir para 34,7% até o fim do ano, e o total de pessoas em condições de extrema pobreza deve aumentar 16 milhões, para 83 milhões.

Katia Maia, da Oxfam Brasil, argumenta que cumpre a quarentena quem pode fazê-lo, mas aqueles que vivem em condições precárias e não têm nenhuma poupança são obrigados a deixar suas casas diariamente. "Claro que na Europa também existe desigualdade, mas lá a classe média é muito mais ampla, assim como a rede de proteção social", diz. "A desigualdade extrema traz consequências diferencia-

das para nós. Não estamos todos sofrendo da mesma forma."

Outra diferença, diz Flores, é que os países ricos têm mais margem fiscal que os países pobres para ajudar empresas e trabalhadores. Em ambos os casos, ressalta, proteger populações mais vulneráveis por meio de transferências não é só uma "questão moral", como também ajuda "a criar barreiras de contenção para proteger a economia como um todo". Ele prevê que, à parte questões de saúde, a consequência mais imediata na vida das pessoas se dará por mais desemprego e falências pessoais.

Na América Latina o impacto virá também pela redução do valor pago por hora trabalhada. "Uma característica importante do mercado de trabalho na América Latina é que o ajuste costuma ocorrer no preço, ou seja, a renda ou a qualidade dos empregos são reduzidas", diz Juan Chacaltana, especialista em política de emprego da OIT. Por isso, ele espera uma alta da informalidade no pós-crise.

"Não sabemos quantas vidas essa pandemia levará, mas as epidemias passadas nos dizem que há uma ligação estreita entre desigualdade e mortalidade", diz Jonathan Mijs, sociólogo da Universidade Harvard. "Minha esperança é que esta crise revele as vulnerabilidades de nossos países e mostre às pessoas que estamos tão a salvo quanto os membros mais vulneráveis de nossa comunidade. Pode ser um verdadeiro apelo à ação."

Com França e Espanha, reabertura da economia avança na Europa

Agências internacionais

França e Espanha anunciaram ontem o relaxamento das medidas de confinamento a partir das próximas semanas. Os dois países, juntamente com a Itália, foram os mais atingidos pelo coronavírus na Europa. Com isso, quase toda a Europa continental já está em processo de reabertura.

A França começará a relaxar as medidas restritivas a partir de 11 de maio, para evitar um colapso econômico, anunciou ontem o premiê francês, Edouard Philippe. Ele alertou, contudo, que os casos de pessoas infectadas voltarão a crescer se o país tentar retornar à normalidade rápido demais.

Em discurso ao Parlamento, Philippe disse que as escolas reabrirão de forma gradual, e as empresas estarão livres para retomar suas operações. Mas bares, restaurantes e cafeterias continuarão fechados até o início de junho, e os eventos esportivos profissionais, como os jogos de futebol, não serão retomados até setembro. "Precisamos proteger o povo francês sem paralisar a França a ponto que entre em colapso", disse o premiê. "[Se houver] despreocupação demais, a epidemia pode decolar de novo."

Na França, mais de 23 mil pessoas morreram de covid-19, o quarto maior número de mortos do mundo, atrás apenas de EUA, Itália e Espanha. Mas o confinamento salvou dezenas de milhares de vidas, afirmou o premiê.

O número de internações por covid-19 na França tem caído todos os dias nas últimas duas semanas, e o número de pacientes em terapia intensiva vem diminuindo há 19 dias consecutivos.

Philippe disse que o relaxamento será respaldado por um programa de testes e isolamento. Ele afirmou que o governo está preparado para desacelerar a reabertura se o número de casos aumentar.

O plano do governo francês busca um equilíbrio entre aliviar a crescente frustração das pessoas, confinadas desde meados de março, mas sem aumentar o risco de uma segunda onda da epidemia.

A França implementará uma nova doutrina na aplicação de testes para a covid-19 a partir de 11 de maio, com o objetivo de testar todos os que entraram em contato

com infectados, disse o premiê. A previsão é de ter capacidade para testar 700 mil por semana. "Quando o teste de uma pessoa tiver resultado positivo, começaremos a identificar e testar todos aqueles que, com sintomas ou não, tiveram contato com ela. Todos esses casos de contato serão testados e se pedirá a essas pessoas que se isolem."

O premiê disse que as escolas primárias em todo o país poderão reabrir a partir de 11 de maio, e as escolas secundárias a partir de 18 de maio. As aulas só serão retomadas se não houver mais de 15 alunos na sala de aula ao mesmo tempo e os estudantes do ensino médio terão de usar máscaras.

As empresas devem considerar a possibilidade de manter o trabalho remoto por pelo menos uma semana depois de 11 de maio, e qualquer pessoa que viaje em transporte público ou em táxi também precisará usar máscara.

Na Espanha, o premiê Pedro Sánchez detalhou ontem o plano de reabertura gradual, que começará na próxima segunda-feira e terá quatro fases, aplicadas com velocidades diferenciadas conforme a situação da pandemia em cada região do país. A ideia é voltar à normalidade até o fim de junho.

Cada nova fase inclui maiores níveis de abertura para comércio, bares e restaurantes, escolas, estabelecimentos culturais e tempos religiosos. Em todas as etapas, contudo, haverá limitações de público para evitar o surgimento de novos focos de disseminação do vírus. O uso de máscaras será recomendado pelo governo em todas elas.

O modelo é diferente do adotado por outros governos da Europa, que determinaram datas específicas para que os diferentes setores da economia voltem a funcionar. Para avançar pelas quatro fases, cada região terá de cumprir critérios objetivos estabelecidos pelo governo. Entre eles estão a redução do número de infecções, a capacidade do sistema de saúde de atender novos casos e o cumprimento das medidas de distanciamento.

Com seis semanas de quarentena a Espanha conseguiu reduzir a curva de infectados. Segundo o Ministério da Saúde local, foram 301 mortes ontem, o menor número em mais de um mês. No total, o país registra 23.822 mortes.

Diferença entre norte e sul da Europa deve crescer

Giovanni Legorano e Tom Fairless
Dow Jones Newswires,
de Roma e Frankfurt

A maioria dos países do norte da Europa deverá se recuperar mais rapidamente da paralisação econômica induzida pela covid-19 que os do sul. Isso vai ressaltar as diferenças na zona do euro e a tensão política em torno de como pagar a conta do impacto da pandemia do coronavírus.

No norte, a Alemanha passa por um confinamento mais leve, tem espaço fiscal e quando a pandemia chegou estava numa melhor situação econômica. No sul, a Itália enfrenta uma grave crise de saúde, profunda paralisação econômica e tem uma dívida pública elevada, o que impede a adoção de incentivos agressivos.

Essa crescente divisão econômica representa um desafio à viabilidade de longo prazo da zona do euro. Por um lado corrói o apoio à moeda comum no sul da Europa, ao mesmo tempo em que dificulta ao Banco Central Europeu (BCE) a tarefa de fixar taxas de juros adequadas a todos os membros.

As economias europeias deverão sofrer grandes quedas do Produto Interno Bruto (PIB) neste ano devido ao coronavírus e aos confinamentos. Mas os economistas preveem que a recuperação será bastante desigual.

A Alemanha deverá ter uma recuperação melhor que a do sul da Europa. O PIB alemão deverá ser 2,5% menor no último trimestre de 2021 em comparação ao mesmo período do ano passado, mas o PIB da Itália, segundo previsões, será 9,2% mais baixo na mesma base de comparação, e do da Espanha, 7,7% menor, segundo estimativa do Morgan Stanley. A taxa de desemprego da Alemanha deverá ser de 3,5%, em média, no ano que vem, enquanto a da Itália alcançará a média de 13% e a da Espanha, de 17%, de acordo com o relatório.

Enquanto o fechamento de fábricas foi a regra na Itália e na Espanha, menos que 20% das indústrias alemãs fecharam as fábricas nas últimas semanas, segundo o instituto de pesquisa econômica Ifo, sediado em Munique.

Na Itália e na Espanha, os confinamentos obrigatórios come-

caram antes do que na Alemanha e se estenderam à maioria das empresas não essenciais.

A maior fragilidade do sistema bancário do sul da Europa poderá amplificar o problema. Muitos bancos ainda estão às voltas com um grande volume de empréstimos em default gerados pela última crise financeira e terão dificuldades em financiar a recuperação da economia, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI).

A emergência na área de saúde pode empurrar entre 100-145 mil empresas italianas para uma situação de crise de liquidez, o que afetará 3,2 milhões de trabalhadores, segundo a consultoria italiana Cerved Group. Cerca de 80 mil empresas enfrentam o risco de esgotar sua liquidez até o fim de maio.

O turismo, um dos setores da economia mais duramente atingidos, representa 13% do PIB da Itália, 15% do da Espanha e 21% do da Grécia, mas apenas 9% do da Alemanha, de acordo com o World Travel and Tourism Council.

As indústrias alemãs dependem do comércio internacional e de longas cadeias de suprimentos

globais, fatores que poderão enfrentar prolema por meses ou anos. A sua indústria automobilística também enfrenta desafios de longo prazo, entre os quais a ascensão dos veículos elétricos, setor em que as alemãs ficaram atrás de concorrentes como a Tesla.

O governo da Alemanha tomou medidas agressivas para fazer frente ao choque, ao lançar políticas de incentivos fiscais equivalentes a cerca de 22% do PIB, comparativamente aos 14% alcançados pelas iniciativas correspondentes tomadas pela Itália e dos 3% da Espanha e da Grécia, segundo estudo do instituto de análise e pesquisa Bruegel, com sede em Bruxelas.

Os governos também tentam estimular os bancos a fornecer apoio à sobrevivência econômica por meio da concessão de empréstimos. Mas a ineficiência da máquina burocrática da Itália implica que até mesmo esse recurso muitas vezes é de difícil acesso para as empresas e as famílias, disse o economista Luigi Guiso, do Instituto Einaudi de Economia e Finanças, centro de análise e pesquisa financiado pelo Banco Central da Itália.

Merkel quer priorizar gasto ambiental em retomada

Daniela Chiaretti
De São Paulo

Na retomada econômica do pós-pandemia o debate sobre alocação de recursos orçamentários será difícil, reconhece a premiê alemã Angela Merkel. Ela defende, contudo, que a recuperação siga um caminho sustentável, de proteção ao clima e à biodiversidade. "Será ainda mais importante estabelecer programas de estímulo econômico que mantenham um olhar atento à proteção climática", reforçou ontem a primeira-ministra alemã durante os Diálogos de Petersberg, fórum de alto nível que o ministério do meio ambiente alemão promove há 11 anos.

Foi o primeiro evento climático importante de 2020 depois do início da pandemia. O ano tinha um forte calendário de eventos ambientais internacionais, todos adiados em razão da crise.

Merkel apoiou uma meta mais ambiciosa de corte de emissões de gases-estufa para a União Europeia em 2030. Foi a primeira vez que a premiê deu endosso público a um esforço maior do bloco.

Atualmente, a meta europeia no Acordo de Paris é de um corte de 40% nas emissões em 2030 em relação a 1990. "Acolho a proposta provisória de reduzir emissões da UE em 50% a 55% em 2030", disse.

Merkel defendeu que mais países adotem um preço ao CO₂ como maneira eficiente de reduzir emissões, medida adotada pela Alemanha em 2019. "Seria desejável que tantos países quanto possível apostassem nessa medida. Uma ampla participação evitaria distorções competitivas", disse.

Merkel também defendeu maior proteção à biodiversidade. "Segundo os cientistas, 60% de todas as doenças infecciosas foram transmitidas de animais para humanos nas últimas décadas."

A premiê alemã registra uma alta de 11 pontos percentuais nas pesquisas de popularidade, alcançando 79% em razão de sua atitude no enfrentamento da pandemia. Ontem ela defendeu novamente o multilateralismo. "O coronavírus nos mostra mais uma vez, ainda que de maneira dolorosa, que a cooperação internacional é crucial."

Em 2020 a Alemanha destinará € 4 bilhões em finanças climáticas. A contribuição para o Fundo Verde do Clima está em € 1,5 bilhão. Merkel lembrou que o Green Deal transformará a Europa no primeiro continente neutro em carbono em 2050 e apoiou a intenção do bloco de ampliar o mercado de carbono para novos setores.

No mesmo encontro, que reuniu 30 ministros do meio ambiente, o secretário-geral da ONU, António Guterres, pediu aos países do G20, que se comprometam com neutralidade climática em 2050.

As 20 economias mais ricas respondem por 85% da economia mundial e 80% das emissões globais. "A chave para enfrentar a crise climática são os grandes emissores", disse. "Sem eles todos os nossos esforços estão condenados".

"Quando sairmos da pandemia teremos oportunidade de construir o mundo de forma mais sustentável", disse. "Gastaremos trilhões para nos recuperar, vamos investir na transição verde para gerar empregos. Estes são dias sombrios, mas não sem esperança."

Curtas

Temporadas de covid-19

Cientistas chineses disseram que o novo coronavírus não será erradicado e que o mais provável é que ele se manifeste com maior força em temporadas, como a gripe. Os especialistas alertaram ser improvável que o coronavírus desapareça como ocorreu com o vírus da sars, há 17 anos, pois infecta algumas pessoas sem causar sintomas. Esses casos assintomáticos dificultam a contenção da transmissão, já que podem espalhar o vírus sem serem detectados, segundo pesquisadores em Pequim.

Alemanha deve cair 6,6%

O instituto Ifo estimou ontem que a Alemanha se contrairá 6,6% neste ano devido ao coronavírus. A maior economia da Europa encolheu 1,9% nos primeiros três meses de 2020, segundo o Ifo, e deve contrair 12,2% no segundo trimestre. "Não voltaremos à situação pré-coronavírus até o fim de 2021", disse Timo Wollmershaeuser, economista do Ifo. Em 2021, a estimativa é de expansão de 8,5%.

EUA têm mais de 1 milhão de infectados



O número de casos do novo coronavírus superou a marca de 1 milhão ontem nos EUA, isto é, um terço dos 3 milhões de casos registrados em todo o mundo. Em outro marco, o número de mortos pela covid-19 no país — mais de 58,3 mil —

ultrapassou o total de americanos mortos durante a Guerra do Vietnã, que durou 20 anos. Apesar da cifra, mais governadores anunciaram planos para relaxar as medidas de confinamento para reativar a economia. É o caso de Alabama, Texas,

Michigan e Ohio. A pandemia levou um em cada três americanos a perder trabalho e renda. Com isso, em todo o país têm crescido iniciativas de distribuição de cestas básicas às famílias, como em Chelsea e no Estado de Massachusetts.